

#RACHAS e RASGOS  
(meio mulher OU eu não sou eu, sou todas elas)

Ana Reis

*Você me diz pra ficar quieta porque  
minhas opiniões me deixam menos bonita  
mas não fui feita com um incêndio na barriga  
pra que pudessem me apagar  
não fui feita com leveza na língua  
pra que fosse fácil de engolir  
fui feita pesada*

*metade lamina metade seda  
difícil de esquecer e nem tao fácil  
de entender  
Rupi Kaur*

*Cuando vives en la frontera as pessoas andam através de você, o vento rouba sua voz, você é uma burra, buey, bode expiatório, precursora de uma nova raça, meio a meio – tanto mulher como homem, nenhum – um novo gênero.*

[...]

*Eu vou ter minha língua de serpente – minha voz de mulher, minha voz sexual, minha voz de poeta. Eu vou superar a tradição de silêncio.*

Gloria Anzaldua

Nasci num corpo meio mulher, meio bicho, meio serpente, meio arte, meio texto, devo ter sido parida em noite de lua cheia<sup>1</sup>. Guardo lembranças de uma bebê nua, esparramada numa grama verde, recebendo as luzes do sol que atravessavam dobras e mais dobras e mais dobras. Ou não. A lembrança de que falo foi construída por uma fotografia em um álbum de retratos, a memória é traída, atraída pela sua própria representação, torno-me refém dos instantes capturados pela imagem.

<Não há verdade nem origem, são feixes de sensações que me atravessam.>

Do leite materno, sei que experimentei até o primeiro mês, mas não guardo o seu gosto ou a sua ausência. Uma vez mais, construo-me pela memória tateante de uma narrativa mediada e enviesada por outros discursos de mim mesma.

**<Entre a experiência e o relato há sempre um espaço enorme a ser preenchido pela imaginação e esse instante que imagino é ele mesmo a potência de vida.>**

---

<sup>1</sup>serpente faz referência aos imaginários místicos do calendário maia, no qual, de acordo com a minha data de nascimento, seria representada pelo ‘kim’ da serpente vermelha. O gorila se conecta o grupo nova iorquino Guerrilla Girls e sua poética feminista de desconstrução, com máscaras de gorilas e cartazes para falar da invisibilidade das mulheres na arte. Com a lua cheia, evoco a ideia do lobisomem, e nele a possibilidade da transformação, a iminência de um outro a se revelar.

Depois da sensação do sol que atravessava a vagina sem pelos da pequena bebê, um roçar das pernas em móveis, almofadas, um chuveirinho quente a deleitar a descoberta de um corpo. Das relações com outros corpos, um irmão, e os dois feito moleque correndo atrás de bola, fazendo guerra de chuchu no quintal. Os pés descalços e a destreza de subir em árvores, muito mais animal que mulher ou homem ou gente, devir bicho, devir árvore, devir natureza.

A sensação deliciosa de mijar em pé sentindo aquele jorro espirrar nas folhas secas. Jorro quente, aquecia a terra entre meus pés, penetrando pouco a pouco, trajeto de passagens escuras e buracos sombrios a saciar a sede dos rizomas. A história contada, que nunca soube se mito ou realidade, da tia avó que morava no campo e, ao subir as saias, descer a calcinha e derramar seu xixi sobre a terra, teve o corpo picado por uma cobra, permanecia em mim como fantasia a instaurar o perigo. Imagem que se juntava em recortes de mitos da infância à história da outra tia-avó que, por conter algo que era considerado uma demência, se tornara uma espécie de guardiã de penicos nas fazendas antigas do interior de Minas Gerais.

**<Não há árvore genealógica, não são os sobrenomes, não se filia porque corre dentro o mesmo sangue, mas porque os sangues se conectam, coexistem em suas narrativas, fluxos que se misturam.>**

No recreio da escola, o primeiro selinho e a brincadeira de casinha a três. O terceiro, por força maior das representações, virava o filho. Entre as amigas, fazíamos de conta que uma era a mãe e a outra era o pai, e uma por cima da outra, encontrávamos nas ficções um prazer real. Foram elas as primeiras mulheres que beijei e com quem troquei afetos.

De carona no carro ou na casa da amiga do bairro, o seu pai com sua voz insolente que me dizia: “aninha, bananinha, cor de calcinha”. Voz que soou ainda mais nojenta no dia em que voltávamos do parque de diversões, com suas cores extravagantes e desbotadas, o ruído desenfreado das crianças e aquele ar de abandono que parece sempre acompanhar a solidão de brinquedos vazios. Eu com as roupas úmidas e ainda manchadas, depois de ter gritado insistentemente pedindo que

parassem o brinquedo que não cessava de rodar embrulhando meu estômago, enquanto minha amiga gargalhava, e me contradizia com um tanto de displicência até que eu soltasse o jorro de vômito que desceu em espiral pelo céu até cair na grama verde maculando o que mais estivesse pelo seu caminho.

**<A potência performativa do jorro daquele dia faz eco no devir performer e se encontra com as linhas de fuga do cuspe em um país afundado em um golpe. Giramos e jorramos vômitos subversivos entre vozes fascistas e repetições dos discursos de poder.>**

Na rua daquele bairro distante em que morava, atravessado por terrenos baldios e trilhos de trem, eram comuns os dias de ver homens tarados com seus pintos de fora. Um peixe estrebuchando fora d'água. Corríamos confusas sem entender bem o que havia de tão ameaçador naqueles falos desesperados e exibicionistas, mas tínhamos a certeza que deveríamos correr o mais rápido que nossas pernas pudessem suportar. Talvez por isso se repetisse, e ainda persista em mim, um desejo de correr nos primeiros segundos de contato com um falo.

Na fazenda, os quartos cheios de portas que se abriam para outros quartos, o piso de madeira que ressoava a cada passo e o teto que mais parecia um encaixe de quebra-cabeça recortado nas noites pelo sobrevoo dos morcegos. Deitada com o primo, em meio às revistas do Henfil, as mãos por debaixo dos lençóis, descobri algo que depois me diriam ser o clitóris, e nele, um universo de possibilidades. Não nos beijávamos, nem falávamos nada. Era um instante fora do tempo.

Foi depois de um dia como esses que comeci a senti-la mexer dentro de minha barriga. Seus movimentos eram sinuosos, escorregadios. Às vezes achava que era algo que tinha comido e não me tinha caído bem. Mas sua presença era indescritivelmente viva e pulsante. Deitava na grama úmida e permanecia ali por muito tempo, sentindo aquilo se mover por dentro. Algumas vezes chegava a me deslocar lentamente pelo chão, movida por uma sensação rasteira. Era como se algo me movesse. Passei a ter um gosto maior por acordar a noite e dormir de dia, com o corpo estendido

no sol. E num dia, estendida na grama com aquela sensação rastejante por dentro, senti uma cólica a me contorcer, uma dor insuportável que nunca havia sentido antes. Fechei os olhos e me deixei rastejar.

O chão estava úmido e lamacento. Senti meu corpo se deslocar de modo tão natural como se houvesse aprendido a se mover assim desde que nasceu, sem braços nem pernas, sem verticalidade e numa completa entrega à gravidade. Quando parei o movimento que me reconectava ao mais profundo de minha existência, ela começou a sair de dentro de mim. Assim, molhada e fria, foi despontando por entre minhas pernas, saindo das entranhas e atravessando pouco a pouco a vagina ainda quase sem pelos, até que saiu por inteira e seguiu seu fluxo rastejante adentrando a mata escura. Permaneci em pausa e silêncio, a respiração um tanto ofegante, num misto de estranhamento e êxtase. Aos poucos, o sangue começou a sair de dentro de mim, suave e lento como a serpente, mas um tanto quente. Permaneci ali por horas a fio tentando reordenar a narrativa de minha vida. E o sangue continuava a escorrer, suave e constantemente.

Quando recobrei a existência, levantei-me e corri para o banho. Limpei-me e fui para o quarto, a casa silenciosa ressoando apenas os sonhos. Não contei nada a ninguém. No dia seguinte, estava silenciosa e introspectiva, ainda sem desejo de dizer uma palavra. Mas a vida social nos obriga às palavras, ninguém suporta o silêncio. E o sangue continuava a escorrer. Tive que contar para minha mãe que estava sangrando, sem mencionar a estranheza do acontecimento. Ela sorriu e disse que era normal, que eu estava menstruada e agora estava me tornando uma mulher. Explicou-me como fazer e me entregou uma caixa cheia de absorventes. Permaneci perplexa e silenciosa. Não sabia se havia me tornado uma mulher ou uma outra coisa.

Naquela época estava na oitava série. Havia abandonado as aulas de balé para andar de skate e ia pra escola vestindo as roupas do meu pai, calças largas jeans ou de moletom, o topo da calcinha aparecendo e um boné escrito *SK8 ã é crime*.

Ouvia o tempo todo que uma menina tão bonita não devia se vestir tão mal. Tinha vontade de lhes rasgar a farda da beleza e despedaça-la com os dentes. A professora de português dizia: “mulher não deve dar gargalhadas, pois é feio uma mulher mostrar os dentes. Quando lhe contam uma piada, ela deve dizer: Xiss.” Desejei esfregar os dentes a língua e a gengiva em sua moral cristã

hipócrita e subserviente. Mas nos comportávamos muito bem e no intervalo das aulas, trancávamos a porta e fumávamos maconha, espalhando um spray de cabelo para disfarçar o cheiro e saindo como quem não quer nada. Atravessamentos disciplinares: querem fazer do seu corpo um espaço de passagens estreitas e ruas sem saída.

Naquele momento, já havia me acostumado aos dias que antecediam à menstruação, aquela sensação rasteira por dentro, os dias sonolentos e as noites despertas, deitada na grama úmida por horas a fio. A cólica se intensificava, o rastejar me devolvia à plenitude de existência, e depois a serpente, saindo de dentro de mim, pouco a pouco, para a mata densa, deixando o sangue a me escorrer. Não dizia nada a ninguém e inventava desculpas ridículas para perguntas sobre as roupas manchadas de lama ou um ruído estranho no escuro da noite. Àquela altura tinha treze anos e um namorado de dezoito. Orgulhava-me de parecer uma menina mais velha. Numa tarde qualquer, desvestidos das camisas brancas e calças jeans, senti pela primeira vez um homem me penetrar. A memória daquele corpo que entrava se cruzava com a memória do corpo que de mim saía todos os meses. E do peixe estrebuchando fora d'água. Voltei pra casa sacolejando dentro de um ônibus com um estranhamento, uma curiosidade, um líquido escorrendo pelas pernas. Não sabia bem o que isso significava e só entendi tempos depois.

Passei anos a fio escondendo a idade em que 'deixei de ser virgem', essa coisa estranha que parece ser um misto de prêmio e vergonha, o prêmio de quem o tira e a vergonha de quem o perde e que, no fim das contas, não é nada mais que uma membrana separando um antes e um depois, portal para o prazer ou a violência, fluxo de desejos ou de submissões. Na matemática das meninas, aprendi a omitir alguns números de trepadas quando descobri a conexão direta entre a cama, a fama, a lama e a dama.

**<Sempre podemos ficcionar as narrativas de nós mesmos nessa grande ficção das representações sociais.>**

Depois, descobri o prazer nos livros da casa, e leituras eróticas permeavam o imaginário, de Bukowski a Alberto Moravia, Hilda Hilst era quem ecoava as maiores subversões. Naquele mês, passei dias esperando-a chegar. Deitava-me na grama nas noites úmidas, esperava horas a fio com uma angústia crescendo por dentro e nada daquela sensação rastejante. Ansiava pela dor da cólica, para ser devolvida aquele estado sinuoso, aquele rastejar lamacento que dava sentido à minha existência. Mas ela não veio. Já tinha outro namorado e éramos como dois moleques curiosos e desejanter, se experimentando sem se preocupar muito com as consequências daquele amor intenso e juvenil. Conteí a ele que ela, a menstruação, não havia vindo naquele mês, sem mencionar, é claro, a serpente. Não sabíamos bem o que fazer, sentíamos que a vida podia escorrer por entre nossas mãos em um segundo e corremos desnorteados para uma farmácia. Em meio aos remédios e bulas, não foi a primeira vez que o branco foi se expandindo até tomar conta de tudo, apagar-me dentro do esquecimento, mais um instante fora do tempo. Mergulhada no nada, encontrei a prima de minha mãe, que havia sido assassinada pelo próprio pai ao descobrir que a jovem solteira carregava um filho na barriga.

Na lavanderia da casa, o sangue escorrendo para debaixo do tanque, o silêncio se espalhando por debaixo das portas. Antes de voltar pra realidade, encontro ainda a bela tia daquela foto azulada que também não conheci, pois fora internada num hospício aos 18 anos, ao que dizem, apenas por ser rebelde e fora dos padrões sociais, e que nunca retornou de lá viva. Recobrei a consciência e ainda estávamos na farmácia. Tomei o remédio e no mês seguinte, ela veio e, eu, de novo me pus a sangrar enquanto ela rastejava mata adentro.

Alguns anos depois, um amigo me levou à primeira festa gay. Foi numa academia de ginástica no centro da cidade, entre máquinas de puxar e levantar peso, que conheci a beleza de dois homens se beijando suados, a dramaticidade interpretativa das travestis e ouvi pela primeira vez: “você é entendida?” Entendi logo mais que minha sexualidade não se encaixava muito bem nas polaridades e me permiti devires muitos de experimentação. Gostava daquele lugar onde as sexualidades, tão reprimidas lá fora, se jogavam com suor e sede, vorazmente se atracando como bichos enjaulados recém-libertos correndo em busca de saciar seus desejos mais profundos. Calados, sufocados e abafados por desejarem fora das linhas retas e confinamentos sociais, precisavam dos quartos escuros, dark rooms onde pudessem ser sem ser incomodados. O que queríamos mesmo era sermos apenas fluxo de desejo escorrendo e transbordando pela cidade, sem que necessitássemos de dizer o que éramos afinal.

A serpente continuava o meu segredo escondido, velado, prazer vivenciado na solidão das noites escuras e úmidas, um ser rastejante que me devolvia à vida. Um dia, no terreiro de umbanda, um caboclo me disse: 'quando não estiver se sentindo bem, encoste a cabeça numa árvore que tudo vai melhorar. Você sabe né?

Que é feita de mata, árvore e serpente.' Me calei. Não disse uma palavra e olhei profundamente praqueles olhos de estar aqui e lá, longe e perto, neste e noutro lugar. Ele me benzeu com as folhas de bananeira, na frente e nas costas, girou três vezes e me mandou partir. Encantava-me o poder da transmutação, e ver a mãe de santo incorporar o pai Joaquim, entre baforadas de cachimbo e conselhos, me parecia um exercício incrível de transexualidade.

Muitos anos depois, a serpente, de novo, não veio. Fiz xixi e esperei até que o papel mudasse de cor gradativamente, uma linha e sua vida não será mais a mesma. A primeira e a segunda linha cor de rosa se formaram em frente aos meus olhos. Tinha já meus 28 anos, e apesar de nunca ter desejado com muita certeza ter um filho, também não sabia se desejava não tê-lo. Resolvemos deixa-lo vir, abrir espaço para outras possibilidades de afeto e existência.

Passei nove meses sentindo a barriga crescer, e a ausência da serpente era compensada por uma presença em processo, feita da mesma matéria viva e pulsante que eu, carne da minha carne, alimentada pela minha própria boca, respirando pelo meu ar. Até que chegou o dia do parto. Eram seis da manhã e a bolsa estourou. De novo, um líquido escorrendo pelas pernas. Mas dessa vez era viscoso e transparente, escorria, escorria, e não parava de escorrer. Esperei um tempo e depois fui pra maternidade. As cólicas começaram e eu oscilava entre uma dor intensa e fulminante e momentos de tranquilidade e prazer. O túnel lentamente se abrindo pra deixar passar a vida. Seu corpo vai se tornando outro, fora de si, dentro de um lugar desconhecido. As emoções se confundem no meio de protocolos médicos e controles do corpo.

Seis horas depois pari um filho, ele saiu de dentro de mim, em meio aos meus gritos, do meio das minhas pernas. Depois de nascer, a piscina de plástico colorida se tingiu lentamente do meu sangue e eu tive vontade de lambê-lo como uma vaca. Depois, amar, amamentar, leite, fluxo, leite, sono,



amamentar, limpar cocô, sono, leite, limpar cocô, amor, leite, amor, sono, dor, plenitude. Se não se nasce mulher, tampouco se nasce mãe. Vi-me perdida num bombardeio de possibilidades e caminhos: 'deixa chorar, não ele é como um bicho e você é a fêmea mamífera, eu te disse para não amamentar que ele nunca te deixaria dormir, siga sua intuição'. Qual intuição? Aquela que me faz desejá-lo com todas as forças e fundir-me a ele em momentos felizes ou aquela que me faz querer deixa-lo chorando até perder a voz pra que eu possa simplesmente dormir e fazer o que meu corpo necessita?

Grávida de novo do meu segundo filho, pari de novo, e de novo, o mesmo gosto de suor e sangue, a mesma força, o mesmo desejo de lambar seu corpo enrugado pela água do meu útero quente e coberto de uma fina película acinzentada.

Corpo misturado, corpo fundido, corpo outro, meio mulher, meio bicho, meio campo de disputa sobre as atitudes da mãe e sua captura pelo sistema vigente. Todos os olhos da sociedade te vigiam. Você, a santa mãe. Você, que não pode amar o seu filho e, ao mesmo tempo, ser uma puta ardendo de desejo. Você, que não pode odiar o seu filho por cinco minutos. A mãe, a pura, a disponível, a amorosa, a compreensiva, a disponível, a dona do lar. Dava o meu leite e dava a buceta no mesmo dia. Sou mãe e ainda sou mulher e ainda sou desejo e ainda sou vida.

A mãe puta

a filha da puta

a filha da mãe

a mãe da puta

Eu não sou eu, sou todas elas. A picada pela cobra durante o mijo, a demente dos dejetos, a serpente que rasteja, a grávida morta pelo pai, a rebelde esquecida no hospício, a travesti dramática, a mãe de santo, a mãe puta e todas as outras sem rosto nem história. Eu não sou

nenhuma delas, nem tampouco essa voz que narra.